

Comunicar o fim de si: performance, queimadas e telejornal¹

Rodrigo Pedro Casteleira²
Fundação Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

O presente texto intenta discutir as relações sobre telejornal e queimadas ocorridas em 2024, em Rondônia, desdobradas em um vídeo performance. Por se tratar de um trabalho de arte considerada periférica ou marginal, o modo de veiculá-la foi utilizar a sessão destinada ao envio de mensagens por parte do público, a fim de estabelecer uma comunicação sobre o sufocamento e ideia de fim de si pela fumaça, contrastando com um dos trechos do hino de Rondônia.

PALAVRAS-CHAVE: performance; queimadas; arte; comunicação.

INTRODUZINDO A FAGULHA

A performance pode ser entendida, por exemplo, como ‘produto’ da insatisfação proveniente de artistas quanto às limitações sofridas, associada a processos como *action painting*, *collage* e *assemblage*, como descreve a brasileira e performer lésbica Ludmila Castanheira (2018). Essa insatisfação é pode ser entendida como gatilhos disparadores para os processos de pesquisas, experimentações e memórias de artistas, resultando em ações performáticas que podem ou não dialogar diretamente com o público. Esse movimento de diálogo, ou comunicação, depende das conexões entre o trabalho apresentado e os sentidos que uma pessoa do público pode atribuir, uma vez que a pessoa que performa pode selecionar algo de sua história de vida e isso não gere afetações em determinadas pessoas, ou gere outras não programadas etc. É preciso compreender que a performance e seus princípios estético-políticos se abrem à mutabilidade e experimentações, tensionando o público à sua volta na mesma medida em que é tensionada por si e pelo próprio público. A obra está aberta e depende da presença do público no instante: espacialidade e simultaneidade entre performer e público (Lage, 2018).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Entre Arte, Educação e Comunicação: Subjetividades”, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Professor do Departamento Acadêmico de Ciências da Educação, na UNIR-Vilhena, professor do PPGCOM UNIR-Porto Velho, email: rodrigo.casteleira@unir.br

Pensando nessa relação comunicacional e de diálogo mais comum, materializo um trabalho de vídeo performance em 2024, ano que marcou, mais uma vez, uma espécie de recorde de quantidade de fumaça expelida pelo céu da Região Norte, consequência das queimadas criminosas e do desejo por alargar os latifúndios. Em Rondônia, um dos estados que compõem essa região, não fora diferente, tanto que gerou (mais) problemas para a saúde da população, além de cancelamento de voos, para citar alguns exemplos.

Frente a isso, e alinhado às pesquisas sobre fogo e queimadas, propus um vídeo performance questionando um dos trechos do hino do estado, a saber: “[...] Azul, nosso céu é sempre azul [...]” (Letras, 2024), junto da realidade sufocante em que vivenciamos. Deste modo, o objetivo desta escrita é problematizar: como as questões ambientais provocam nossas subjetividades; em que medida o telejornalismo, ainda que desempenhe o papel de denunciador, pode servir de plataforma para que a comunidade possa interagir frente aos problemas experienciados; e como a performance, enquanto arte, pode se constituir como uma narrativa pedagógica palatável para apontar problemas cotidianos.

NARRAR E EXPOR O FIM DE SI

O telejornalismo, conforme defende Alfredo Vizeu (2002), é um bem público exatamente por ter uma dimensão nevrálgica nas vidas contemporâneas. Ao mesmo tempo, as notícias seriam como produtos vendáveis capazes de propiciar ao público que assiste a aproximação junto às ocorrências do mundo circundante. Para o autor, “O noticiário televisivo se converteu em um lugar onde se pratica, de uma forma simulada, o exercício democrático das grandes questões sociais. É a “Praça Pública” que converte o exercício da publicização dos fatos como possibilidade da prática da democracia” (Vizeu, 2002, p. 02).

Embora o telejornal pareça atravessado pelos princípios democráticos, não está imune às regras próprias capazes de conduzir quem assiste frente a agendas específicas, exercendo até mesmo a característica de grupo pressionador ou coercitivo. É pensando nessa relação de interferência (in)direta que Vizeu (2002) aponta dois movimentos teóricos sobre jornalistas e a realidade projetada nos telejornais: a) “A ideia da notícia como um espelho da realidade corresponderia a concepção tradicional das notícias” (Vizeu, 2002, p. 03) e b) a concepção de que a notícia ajuda a constituir a realidade como “fenômeno social compartilhado” (Idem). Neste texto, o amparo está na noção de uma

construção social compartilhada da realidade, fruto da linguagem utilizada para selecionar e descrever as notícias ou, em outras palavras, operação e construção “cuja regras são pensadas, independentes do sujeito, pois quando ele as aciona, elas já estão estruturadas no campo da linguagem” (Vizeu, 2002, p. 04).

Essas operações e construções não se furtaram em narrar os processos de queimadas ocorridas em 2024, até porque o cenário era impossível de ser maquiado e a população rondoniense sofria, também fisicamente, com as agruras de um céu plúmbeo, conforme podemos verificar na notícia sobre a capital do estado (imagem 01) a seguir:

Imagem 01: notícia sobre a fumaça em Porto Velho



Fonte: G1, 2024

A angústia e sufocamento passou a ser um gatilho para um trabalho de performance, ainda que a cidade seja Vilhena e não a capital. A organização da poética foi estruturada junto do enunciado do hino do Rondônia, já supracitado, para confrontar com o oposto da narrativa de um “céu sempre azul” (Letras, 2025), mas que na composição, por se tratar de um espaço aberto, o Parque Ecológico de Vilhena, estava envolto em uma névoa de fumaça logo pela manhã (imagem 02).

Imagem 02: foto do artista segurando a faixa



Fonte: o autor, 2024.

Organizo, junto a Wesller Nascimento, a captura tanto das imagens estáticas como do vídeo performance segurando uma faixa branca com a letra escrita em azul, produzindo um vídeo tem 04 segundos (imagem 03), no dia 30 de agosto de 2024. Com esse material, ainda que a ideia seja a de também produzir arquivos e obras de questionamento sobre as queimadas, o remeto para um telejornal, o JRO1, da emissora Rede Globo, veiculado ao vivo em próximo ao horário do almoço. Existe um espaço no telejornal para a participação da população com o envio de reclamações, elogios, fotos e filmagens do cotidiano. Pensando nesse movimento de narrar o agora, por intermédio da arte performática, que envio o vídeo performance junto de um breve enunciado para que a pessoa da curadoria das mensagens pudesse, minimamente, saber do que se trata sem ter o risco de possível exclusão (imagem 03).

Imagem 03: Exibição do vídeo performance no JRO1



Fonte: Globo Play (2024)

Não é possível dimensionar qualquer aspecto de provocação gerada pela obra junto ao público, contudo, para um artista dentro de um trabalho circunscrito na marginalidade, ter um trabalho veiculado em um telejornal que narra uma espécie de fim de si (pensando no aspecto da humanidade) produz possíveis fora da lógica de operação e construção orquestradas pela equipe editora, ainda que o tema da discussão no dia 30 de agosto de 2024 no JRO1 fosse a fumaça.

Considerações finais

Ao pensar nos embricamentos entre arte, comunicação e telejornal, é possível se valer desse último, em alguma medida, como meio de veicular trabalhos considerados marginais e sem que seja resultado de uma reportagem específica para isso. É notório apontar que mesmo os espaços destinados ao público para o envio de recados, denúncias, elogios etc., seja passível de uma espécie de curadoria, se valer dessa espécie de hackeamento pode gerar ruído no público, por exemplo.

REFERÊNCIAS

CASTANHEIRA, Ludmila Almeida. **Performance arte:** modos de existência. Curitiba: Apris, 2018.

CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **Sem título.** Fotografia. 2024.

GLOBO PLAY. Confira a íntegra do JRO1 de sexta-feira, 30 de agosto. 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12921025/>. Acesso em: 22 de mai. 2025.

LAGE, M. Performance e presentificação: sobre a forma artística/estética no instante. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. XII, n. 22, jan-jun, p. 132-145, 2018.

LETRAS. Hino de Rondônia. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/hinos-de-estados/126619/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética.** 2002. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2025.

G1. Encoberta por fumaça, Porto Velho segue com a pior qualidade do ar do país. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2024/08/14/encoberta-por-fumaca-porto-velho-segue-com-a-pior-qualidade-do-ar-do-pais.ghtml>. Acesso em: 22 mai. 2025.